

A literatura como fonte de expressão tornada obrigatória pela necessidade de aumentar as rotações dos neurónios, até Gigahertz, é um desafio tremendo, muito mais difícil do que se pode pensar. É como a vida: para alguns a literatura "acontece". Há também a consciência de que a literatura não é a vida, é uma conversa sobre a vida, ou até sobre "vidas irreais", o que mostra as limitações desse 'género musical'. Quando ouvimos a voz de alguém, quando tocamos, quando nadamos, quando amamos, quando falamos em público para 3 ou 1500 pessoas, quando vemos o Canal do Panamá de um lado ao outro, sentimos que a "vida" é muito mais que a literatura.

A literatura, em mim, resulta de uma deslocação no "espaço-tempo" e da capacidade de narrar a existência sob pontos de vista inusitados: por exemplo, dizer o que terá sido ser "tornado", em vez de "retornado", ou o que será ter "saudades de Portugal", sendo emigrante brasileiro.